

«Easy Rider»

já vai
longe e o

magazine

tempo da aceleração pela
aceleração também. Os «motards»
de hoje arranjaram uma
forma de «civilizar» o culto

A sagração das duas rodas

Luis Costa

ELE é conhecido como o «Manel das motos». Fato de couro a preceito, lenço ao pescoço e óculos semelhantes aos dos pioneiros da aviação, bem podia chamar-se o «barão vermelho» dos veículos de duas rodas. Embora não seja o único «motard» da comitiva portuguesa que se encaminha para terras galegas, rumo à concentração moto-turista Sanxenxo-88, distingue-se dos demais pela máquina em que se faz transportar. No meio de grandes «bombas» de cento e muitos cavalos, que são capa habitual das revistas da especialidade ou constituem atracção em salões internacionais, Silva Cardoso — ou «Manel das motos» como prefere que lhe chamem — apresenta-se com uma simples motorizada, uma Yamaha de 50 centímetros cúbicos, pronto a cumprir os 230 quilómetros que separam o ponto de partida, a cidade do Porto, do local de chegada, na costa ocidental da Galiza.

Esboça um sorriso malandro quando lhe perguntam se não sente alguma vergonha, se não está inibido por tanta potência instalada nas dezenas de boas motos que o rodeiam e que na dele tanto escasseia: «Olhe que ainda no passado mês de Julho fui nela até aos Pirenéus. Fui e vim sem problemas, sempre com óleo na bagagem para quando fosse preciso adicionar. Além do mais, o meu problema não é a falta de motos...»

Apaixonado das motos antigas, apressou-se a esclarecer que tem uma Harley 1200 e

uma Indian Scout de 750 cc. Confessou então que o seu verdadeiro problema é não ter ainda a carta de condução: «Já chumbei duas vezes no código, não sei o que se passa, mas para o ano vai ser de vez».

Apesar disso, e de ter que puxar a sua motorizada até aos limites para acompanhar a meia centena de «motards» do Moto-Clube do Porto, Silva Cardoso não quis deixar de estar presente. Ele é, afinal, o paradigma da vontade que leva os amantes das motos a participar em grandes concen-

trações ou a andar juntos, muito simplesmente, durante algumas centenas de quilómetros.

O fenómeno por cá é recente, não tem mais de dois anos, e é contemporâneo da adesão portuguesa à CEE. O fim da contingentação a que estavam obrigadas as diversas marcas — que preferiam gastar os «plafonds» a que estavam obrigadas na importação de motorizadas, pois tinham maior número de compradores — levou ao aparecimento crescente das motos no mercado nacional. A esse facto juntou-se o aumento do poder de compra da classe média/alta, capaz de despende 1500 ou 1600 contos para adquirir, por exemplo, uma Kawasaki GPZ 1000 RX, uma Yamaha FJ 1200 ou uma Suzuki GSX 1100.

Mas uma explicação tão óbvia não chega para compreender os motivos das grandes concentrações motociclistas, espécie de sagração das duas rodas.

Procissão de motos

A dimensão quase religiosa deste verdadeiro culto ganha

uma expressão mais intensa quando as coisas se passam como em Sanxenxo, na iniciativa do clube local «Amigos de la Moto»: eram mais de quatro centenas de veículos bem cuidados e de efeito visual impressionante, vindos do Norte de Portugal, de toda a província espanhola de Pontevedra, de Múrcia, de Madrid, ou mesmo da mais distante Alemanha Federal.

Quem está de fora da cara-

vana não consegue, igualmente, resistir à celebração. É o simples olhar de admiração para as motos estacionadas em filas enormes, são as palmas que sublinham a passagem da coluna motorizada que se estende ruidosamente por centenas de metros, e as flores e a alfazema atiradas para a estrada como à passagem dos andores na procissão.

Do lado de dentro, em cima das motos, ninguém sabe ex-

plicar com precisão o que se passa. «Em vez de andar por aí, sem destino, venho até estas coisas» — diz-nos Virgílio Guimarães, um «motard» de Matosinhos, enquanto um seu colega destaca o convívio entre pessoas com um gosto comum e o aspecto terapêutico da moto «no combate ao 'stress' diário».

A ostentação, o gozo de se mostrar proprietário e condutor de uma «grande máquina»

